

# A NÃO CONSOLIDAÇÃO DAS PREVISÕES CLÁSSICAS DO FIM DO CAMPESINATO SOB O CAPITALISMO: UMA RESENHA

*Alexandre Magno de Melo Faria<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este artigo aborda as previsões dos clássicos marxistas sobre o fim do campesinato sob a égide do modo de produção capitalista. Apresenta também as discussões sobre a especificidade do campesinato elaborada por Chayanov e Tepicht e discute a lógica diferenciada desta categoria social. A funcionalidade do campesinato ao sistema capitalista e as políticas públicas de preço mínimo foram variáveis importantes na manutenção da produção parcelária durante o século XX. Estando o camponês imerso em modo de produção repleto de contradições, sua organização social histórica e a não superação do ciclo biológico na agricultura garantiram sobrevida a esta categoria secular em pleno século XXI.

*Palavras-chave:* Modo de Produção Capitalista, Campesinato, Agricultura.

## I. Introdução

Durante a segunda metade do século XIX e todo o século XX diversos teóricos abordaram o tema “campesinato e desenvolvimento agrário”. Pautado em alguns destes autores, este trabalho buscará demonstrar porque as previsões clássicas do fim do campesinato sob o capitalismo não se consolidaram.

Iniciar-se-á com o debate clássico propriamente dito, onde Marx, Lênin e Kautsky discutiram as tendências de conformação das relações capitalistas na agricultura e as previsões do fim do campesinato sob o capitalismo. Isto posto, tornar-se-ão importantes as análises de Chayanov e Tepicht sobre a especificidade do campesinato em relação à lógica de funcionamento do capitalismo. Em um terceiro momento, discutir-se-á o

---

<sup>1</sup> Economista Graduado pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Mestre em Planejamento do Desenvolvimento pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Regime de Acumulação Fordista (RAF), que representou importante alteração no regime de acumulação capitalista pós Segunda Guerra Mundial. Nesta nova configuração do regime de acumulação, a evolução tecnológica e o Estado possibilitaram crescente importância da agricultura no contexto das sociedades capitalistas avançadas. Em função da especificidade da agricultura, a produção parcelária assumiu papel decisivo e estratégico dentro do RAF. Depois, discutir-se-á a crise do paradigma tecnológico moderno para a agricultura e as possibilidades de sua superação. Apresentados os pilares da discussão do desenvolvimento agrário recente poder-se-á concluir com os fatores objetivos da sobrevivência do campesinato sob o sistema capitalista, hostil e competitivo.

## II. A Análise Clássica

Para Karl Marx (1983), o campesinato é uma forma específica de produção que se transformou ao ter contato com o capital e o modo capitalista de produção. É na verdade resquício feudal com elementos do capitalismo, ou seja, o camponês é um elemento de transição entre feudalismo e capitalismo. Na análise marxiana, a terra é o elemento central da produção agrícola e é ela que determina a lei do valor, que se distingue da lei do valor na indústria. Na agricultura, o valor do produto agrícola não é determinado pela média da produção no setor, mas pelas piores condições de produção daquele setor, em função do monopólio da terra. Assim, as piores terras somente serão incorporadas ao processo produtivo quando gerarem renda fundiária absoluta ao seu proprietário. Desta forma, as melhores terras auferem renda fundiária diferencial e absoluta, pois se encontram em melhores condições de produção<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> A Renda Diferencial I ocorre em áreas de mesma dimensão territorial, mesmo trabalho, mesmo capital, porém com produtividade diferentes em função das diferentes qualidades naturais do solo. A Renda Diferencial II ocorre em áreas de mesma dimensão territorial, mesmo trabalho, mesma qualidade do solo, porém com produtividade diferentes em função de aplicações de quantidades diferentes de capital. A Renda Absoluta ocorre quando o preço médio dos produtos está acima do preço de produção do pior solo, um incentivo para que esta terra venha a ser incorporada ao sistema produtivo. Quando as piores terras auferem a Renda Absoluta para produzirem, esta renda é também incorporada aos melhores solos, que antes já auferiam Renda Diferencial I ou II (MARX, 1983).

Estas terras que auferem renda não são cultivadas por seus proprietários, mas por capitalistas que as arrendam e empregam meios de produção, na busca de apropriarem mais-valia na forma de lucro. A renda fundiária é uma parcela da mais-valia, subtraído o lucro. Há aqui um claro conflito entre proprietários e capitalistas, pois quanto maior a renda fundiária, menor o lucro capitalista. Os trabalhadores, por sua vez, percebem salários pela venda de sua força de trabalho. Assim, a fórmula trinitária marxista: capitalistas (lucro), proprietários fundiários (renda) e trabalhadores (salários) não incorporam os camponeses, que não representam classe social. O camponês é tão somente transição e somente persiste onde o capital se apresenta pouco desenvolvido.

Considerado como elemento de transição, a produção camponesa é atrasada e com pouca capacidade de acumulação. O valor de sua produção está acima do preço e esta situação não é grande problema onde a economia capitalista ainda é pouco desenvolvida, ou seja, onde sua baixa composição orgânica do capital (COC) não se diferencia da média ele consegue sobreviver. Porém, com o desenvolvimento capitalista, a composição orgânica social do capital se eleva e como o camponês não é investidor, sua COC se afasta da média e o valor da sua produção excede muito o preço médio do mercado. Quanto mais o capitalismo se desenvolve maiores serão as condições objetivas de desintegração do campesinato. Nesta situação, as chances de sobrevivência do camponês diminuem a cada elevação da COC social. Aqui, por oportuno, reside a argumentação marxiana do fim do camponês.

Outro marxista clássico que abordou a questão agrária, a expansão do capitalismo sobre o campo e os resultados inerentes a este processo foi Karl Kautsky (1980). Quanto mais o capitalismo se desenvolve mais a grande exploração se diferencia da pequena exploração. Três fatores, basicamente, garantem a superioridade da grande unidade produtiva agrícola: *i*) economia de insumos; *ii*) menores custos de compra e venda; e *iii*) divisão do trabalho. Dos três fatores, a divisão do trabalho se apresenta como a principal variável determinante. Mas, apesar da superioridade técnica e econômica da grande unidade, ela não pode se expandir totalmente, eliminando os camponeses. Para Kautsky, há simbiose entre a grande exploração capitalista e o campesinato, pois a grande exploração necessita de “braços” ao seu redor para a exploração

do trabalho. Esta reserva de força de trabalho se encontra exatamente entre os camponeses que necessitam de renda complementar às suas atividades. Nos períodos de auge da produção, os camponeses são absorvidos pela grande unidade como mão-de-obra assalariada. Nos períodos de crise, a grande exploração libera estes trabalhadores, não os utilizando como mão-de-obra. Assim, a sobrevivência dos pequenos produtores depende das possibilidades de auferirem ganhos nas grandes empresas agrícolas e estas dependem da mão-de-obra dos camponeses nos períodos críticos para extração da mais-valia.

Apesar desta simbiose, o desenvolvimento das forças produtivas capitalistas e a aproximação da agricultura com a indústria afirmam a superioridade da grande exploração agrícola em relação às pequenas. Porém, este processo é lento e descontínuo, que caminha na união da indústria e agricultura. Esta união agricultura-indústria desintegraria o campesinato, pois para Kautsky, esta organização social é elemento atrasado e que deveria subsumir. Para ele, o camponês somente sobrevive porque o capitalismo está repleto de contradições. Portanto, a única alternativa para o camponês seria esperar o momento em que o capital se desenvolvesse por todo o globo terrestre e, por conseguinte, não haveria mais condições de realização da mais-valia. O capitalismo entraria em crise e a união agricultura-indústria coletivizaria as terras: gerando o trabalho coletivo no campo. A grande produção socialista retiraria o camponês de seu inferno particular, que é a sua pequena produção.

Vladimir Lênin (1984), por sua vez, é que constrói um dos principais paradigmas de análise da economia camponesa. Para ele, o campesinato estava estruturado em três níveis: *i*) camponeses ricos; *ii*) médios; e *iii*) pobres. A transformação dos pequenos e dos médios produtores em produtores efetivos de mercadorias os coloca sob a dependência do capital, que passa a sobre-determinar suas ações internas, criando condições objetivas de diferenciação. Os camponeses ricos se assemelhavam a burgueses. Os camponeses pobres se assemelhavam a proletários. Os camponeses médios, que eram a maioria, cedo ou tarde iriam se diferenciar em burgueses ou proletários, em função do avanço do modo de produção capitalista e de suas relações mercantis sobre o campo. Os camponeses médios que conseguissem se capitalizar iriam se tornar burgueses. Os camponeses que não se capitalizassem comporiam a classe

dos proletários rurais. Para Lênin, minoria ascenderia à classe superior e a grande maioria se tornaria proletária.

Para comprovar sua teoria, Lênin analisou duas formas de organização do capital no campo: a via *farmer* ou americana, onde a penetração do capitalismo no campo se deu via modernização da pequena produção; e a via *junquer* ou prussiana, onde houve a modernização das grandes propriedades. Lênin acreditou ter encontrado tendências do processo de diferenciação, porém considerou que o processo de expropriação dos pequenos produtores pode ser longo, onde o capital pode até mesmo subordinar os camponeses sem chegar a eliminá-los.

### III. Campesinato segundo CHAYANOV e TEPICHT

Alexander Chayanov (1994), populista russo, membro da Escola Russa da Organização da Produção, elaborou nova conceituação sobre a produção camponesa a partir dos mesmos dados censitários utilizados por Lênin. Chayanov chega à conclusão de que o campesinato não tem a mesma lógica de funcionamento do capital, pois as categorias lucro, renda da terra, custo, salário, etc. não constam da racionalidade camponesa. A única categoria objetivamente mensurável é o produto do trabalho familiar, que é uma variável dependente do tamanho da família, da composição e da disponibilidade dos membros familiares aptos a trabalhar. A composição da família determina os limites máximos e mínimos da atividade econômica da unidade camponesa. O volume máximo é dado pela utilização total da força de trabalho familiar. O volume mínimo é dado pela necessidade mínima de aquisição dos bens para manter a reprodução familiar. O ponto de equilíbrio entre o esforço máximo e o mínimo será encontrado onde a satisfação da demanda familiar se iguala a penosidade do trabalho. Este ponto, por sua vez, é meramente subjetivo e é determinado em função de: *i*) força de trabalho empregada (a penosidade); *ii*) os meios de produção disponíveis; e *iii*) a situação de mercado.

Como Chayanov afirma que a lógica camponesa é a simples reprodução da família, alterações nos preços de mercado alteram o nível de trabalho interno. Se os preços dos produtos vendidos se elevam abre-se possibilidade de acumulação pelos camponeses. Mas, como sua lógica

é diferente do capitalismo, ele pode agora diminuir o tempo de trabalho e também sua penosidade, diminuindo sua produção total, e mesmo assim, seu nível de demanda permanecerá constante. Neste caso, como não há acumulação não há possibilidade de diferenciação camponesa. O resultado final é a maximização dos rendimentos do trabalho, onde há busca constante para diminuir a penosidade do trabalho e manter a reprodução familiar. O que se percebe, portanto, é que na visão Chayanoviana, há elevado grau de estabilidade do campesinato perante o sistema capitalista, derivado de sua especificidade como sistema econômico.

Para explicitar as dinâmicas interna e externa que agem sobre o campesinato, Jerzy Tepicht (1973) utiliza o conceito de modo de produção em sentido bastante aproximado do de Marx. Porém, com a diferença de que para Tepicht, o modo de produção camponês está articulado com vários modos de produção, se adaptando às leis econômicas dos demais modos e ao mesmo tempo imprimindo neles sua marca. Além disso, ao contrário da visão marxista, ele constatou que as relações capitalistas se deslocavam de dentro para fora da agricultura, ou seja, o capital abandonava o setor primário.

O que Tepicht buscava explicar na verdade é como sobrevive o camponês parcelário, dado o seu relacionamento com diversos modos de produção com lógicas de funcionamentos distintos do seu. Para isto, apresenta quatro traços principais do campesinato:

- A economia camponesa tem caráter familiar, pois há forte simbiose entre produção e consumo;
- Há relação entre os fatores de produção terra, trabalho e capital, onde progressivamente há substituição do fator trabalho por capital;
- Há relação entre economia camponesa e o mercado. O camponês é parcialmente mercantil porque exclui fração de sua produção para seu consumo e a fração restante ele comercializa; e;
- Trabalho e renda camponesa: Tepicht Concorda com Chayanov que campesinato não tem a lógica de funcionamento capitalista e busca explicar neste ponto o segredo da sobrevivência camponesa. Com dados da França, Tepicht chega à conclusão de que os homens adultos das famílias camponesas tinham

produtividade de operários assalariados. Porém, os velhos, as crianças e as mulheres não poderiam ser usados em outras unidades de produção em função de sua baixa produtividade. Desta forma, os homens adultos eram considerados força de trabalho transferível e os velhos, as crianças e as mulheres eram considerados força de trabalho marginal, não transferíveis (TEPICHT, 1973, *apud* CAMPOS, 1994).

Tepicht chega à conclusão de que as atividades que demandavam muita mão-de-obra deveriam ser realizadas por camponeses, pois sua força de trabalho não transferível tornava a produção mais barata do que se fosse realizada por mão-de-obra assalariada. A atividade que requer muito capital deveria ser realizada por empresa capitalista. Para Tepicht, uma das formas de acumulação de capital pelos oligopólios se encontra na interconexão entre o modo de produção camponês e a comercialização. As trocas são desiguais, pois o trabalho marginal é remunerado por preço muito inferior ao valor, devido sua especificidade. Logo, o campesinato representaria função estratégica para a acumulação dos oligopólios capitalistas.

#### **IV. Regime de Acumulação Fordista (RAF) e a Agricultura**

É com base em Ricardo Abramovay (1993) que irá se discutir esta seção. Este autor busca entender o papel da agricultura e do campesinato no novo regime de acumulação capitalista no período pós Segunda Guerra Mundial. Parte da hipótese de que a agricultura transfere renda para os demais setores da economia, pois os fatores de produção no setor primário não são remunerados a contento, devido: *i*) a agricultura continuar sendo basicamente familiar; e *ii*) os fatores de produção na agricultura são remunerados em menor valor do que nos outros setores. Destarte, é inconcebível que a determinação do valor da força de trabalho da economia capitalista esteja calcada em setor não capitalista, a agricultura familiar.

Em seqüência, Abramovay caracteriza a produção agrícola nos países desenvolvidos, com base no *Trademill*<sup>3</sup>, uma estrutura onde o agricultor está sujeito ao círculo vicioso sem mudanças de posição<sup>4</sup>. Para ele, existem três tipos de camponeses: i) *Early Bird*<sup>5</sup> *Farmers*; ii) *Average Farmers*<sup>6</sup>; e iii) *Laggard Farmers*<sup>7</sup>. Os primeiros sempre buscam variações tecnológicas para melhorar a produtividade e se distanciam do custo médio, melhorando o retorno. Nesse caso, como não há barreiras à entrada tecnológica, os *Average Farmers* rapidamente adotam o padrão tecnológico dos *Early Birds*, retirando sua vantagem inicial. Os *Laggard Farmers* tendem a se afastar do mercado por não se modernizarem. A sua eliminação seria indireta e gradual. Nesta situação, o investimento deve ser constante para manter a sobrevivência dos camponeses. O investimento não garante melhoria da renda, mas sobrevivência para o camponês. O investimento passa a ser variável endógena na produção parcelária.

O *Trademill* cria uma pressão constante sobre os preços. Quanto maior o investimento menor o nível de preços. Com preços menores, o investimento deve se elevar para garantir maior produtividade e a sobrevivência da unidade produtiva. Este movimento gera nova queda de preços, reiniciando o círculo vicioso. Nesta situação, a única vantagem para o agricultor é a elevação dos preços das terras, em função da crescente demanda por espaço para elevar a produção agrícola. Contudo, há limite dentro do *Trademill*, pois se a renda cair demais, os *farmers* podem não investir novamente. Para a manutenção do investimento o agricultor deve garantir renda mínima. É neste momento que o Estado entra no jogo político-econômico, para manter nível mínimo de renda na agricultura e o investimento dos camponeses. A renda agrícola passa a ser determinada institucionalmente pelos subsídios e barreiras à importação.

---

3 Possui pelo menos duas traduções: i) moinho de estrutura circular; e ii) esteira rolante de ginástica. Neste caso, o termo tem o sentido figurado de “trabalho sem sentido algum” (ABRAMOVAY, 1993).

4 Particularmente no Brasil, um caso real de *Trademill* foi identificado por Índio Campos (1995) no Oeste do Estado de Santa Catarina, na produção agro-industrial de carne suína.

5 Pássaro madrugador. Aqueles agricultores que são pioneiros na adoção de novas tecnologias (ABRAMOVAY, 1993).

6 Agricultores médios. Aqueles que seguem o movimento da vanguarda (ABRAMOVAY, 1993).

7 Agricultores retardatários. Aqueles que não conseguem acompanhar o movimento de incorporação de novas tecnologias (ABRAMOVAY, 1993).



Estes níveis de renda são administrados para manter principalmente os *Average* e *Laggard Farmers*. Com a manutenção dos investimentos por todos os produtores parcelários, há três conseqüências diretas: *i*) elevação do preço das terras; *ii*) queda dos preços dos produtos agrícolas; e *iii*) crescente modernização das unidades agrícolas, via incorporação de tecnologia.

A partir do entendimento do *Trademill*, Abramovay não discute o campesinato como modo de produção, mas como modernização capitalista na agricultura que gera excedente. A parte principal do problema é conhecer para onde é canalizado este excedente. *A priori* se achava que a agroindústria é que acumulava o excedente, principalmente à jusante. Contudo, análise ulterior desmentiria tal afirmação, pois as agroindústrias à jusante são oligopólios competitivos<sup>8</sup>, onde não há diferenciações apreciáveis de produtos, as economias de escala não são tão elevadas, não há inovação tecnológica constante, as barreiras à entrada são fracas e, por conseguinte, neste mosaico, não há como absorver a totalidade do excedente da renda gerada na agricultura.

Para Abramovay não há único ganhador, mas toda a economia. A renda extra gerada na agricultura é transferida para toda a sociedade, elevando os lucros em todos os setores. Os preços mais baixos pagos aos produtos geram preços mais baixos para os consumidores finais. Os benefícios do *Trademill* calcados na política estatal da renda mínima são canalizados para toda a sociedade. Os preços mais baixos dos alimentos não geraram valor da força de trabalho mais baixo. O que ocorreu foi redução dos custos de reprodução da força de trabalho, onde os gastos com alimentação diminuíram, liberando fração maior da renda para ser gasta em bens de consumo duráveis. Esta alteração no regime de acumulação é conhecida como Regime de Acumulação Fordista (RAF), onde a partir da Segunda Guerra Mundial a dinâmica capitalista se desloca do Departamento I (meios de produção) para Departamento II (bens de consumo). Este fenômeno foi possível em função de: *i*) aumento enorme da produtividade do trabalho; e *ii*) novas formas de consumo em massa de bens industriais nos países centrais.

---

<sup>8</sup> Para uma discussão mais profunda sobre Oligopólios Competitivos, ver Mário Possas (1985).

Dessa maneira, o *Trademill* tem forte embricamento com o fordismo a partir da incorporação do consumo de massa à dinâmica capitalista. Há casamento entre processo de produção e consumo. Apesar de não ser o único fator importante, a modernização da agricultura tem papel estratégico no RAF.

Contudo, falta ainda elucidar porque o campesinato não foi absorvido no processo de modernização da agricultura, pois as discussões clássicas previam sua falência e dissolução quando o capital avançasse sobre o campo. Para Abramovay a especificidade da agricultura é que impediu o fim do campesinato e ele apresenta dois fenômenos principais: *i)* a sua forma social; *ii)* sua forma econômica. A forma social é representada pelo *Trademill* e pelas estruturas historicamente produzidas, como os *farmers* americanos ou os camponeses europeus. A sua especificidade econômica está calcada na Base Natural. O homem pode produzir móveis, eletrodomésticos, calçados, etc., mas não pode produzir soja ou arroz. O homem pode explorar a natureza, mas não é o seu trabalho que cria os produtos agrícolas. A Base Natural da agricultura impede maior divisão do trabalho. Na indústria há possibilidade de diminuir o tempo de produção elevando o tempo de trabalho. Na agricultura não há como diminuir o tempo de produção, visto que a agricultura depende do ciclo biológico. Quem dita o ritmo do trabalho são os ciclos naturais dos vegetais e animais. Desse modo, há enorme dificuldade para a divisão do trabalho na agricultura, dado que as tarefas não são simultâneas.

Este domínio da natureza sobre a produção impede o crescimento das economias de escala. O ponto ótimo é alcançado em níveis relativamente baixos de utilização de área e produção. As escalas de produção que alcançam o ponto de otimização estão totalmente disponíveis ao nível das unidades familiares. Além disso, como não há formação de trabalho coletivo na agricultura, apesar do progresso técnico, a concentração de capitais não ocorre neste setor. Este quadro garante às unidades familiares lutar com igualdade de condições com as firmas

capitalistas. As economias de escala são idênticas entre as unidades capitalistas e camponesas<sup>9</sup>.

### **V. Apropriação, Substitucionismo e a Crise do Paradigma Tecnológico Moderno**

Até aproximadamente 1850, as unidades de produção agrícola em várias regiões do globo eram auto-suficientes. Com o advento do capitalismo houve profunda transformação do meio urbano e rural. O artesanato foi destruído no meio urbano. Entrementes, no meio rural, apesar das mudanças, o capital não conseguiu transformar totalmente a produção. Neste quadro, o apropriação foi um movimento do capital industrial sobre o campo buscando trazer para a órbita industrial o que antes era produzido na própria agricultura. A criação de tratores, implementos, ferramentas, a produção de sementes, adubos e fertilizantes foi forma de criar dependência da agricultura para com a indústria. Os camponeses deixaram de produzir seus próprios meios de produção e passaram a adquiri-los junto às agroindústrias. Portanto, para as agroindústrias apropriação o fortalecimento da agricultura é essencial para a manutenção e/ou elevação do nível de vendas e acumulação de capital (WILKINSON & SORJ, 1990).

Já o movimento de substitucionismo visa eliminação dos produtos agrícolas pela sua substituição total. O exemplo clássico é da margarina substituindo a manteiga e os corantes sintéticos substituindo os corantes vegetais. A indústria que cria produtos sintéticos substitutos de naturais objetiva eliminação do ciclo biológico, que impede produção efetiva e em massa. A atual indústria biotecnológica investe pesadas somas para descobrir produtos que possam representar novo mercado sem dependência da terra e do ciclo biológico e que garanta amplas possibilidades de acumulação de capital (WILKINSON & SORJ, 1990).

---

<sup>9</sup> Segundo o relatório do USDA (United States Department of Agricultural), a extensão de área necessária para atingir 90% das economias de escala em 1979, nos EUA, era de 58 hectares para uma produção de amendoim, soja ou milho no Sudeste norte-americano e de 182 hectares para uma de trigo ou centeio no Pacífico Noroeste. Para atingir os 10% remanescentes de recursos técnicos de maneira econômica, estas propriedades deveriam mais do que dobrar suas extensão. Um exemplo claro de que é possível as unidades de produção agrícolas familiares utilizarem a maior parte dos recursos técnicos disponíveis para a agricultura e competirem com as empresas capitalistas rurais em igualdade de condições (GOODMAN et al., 1987 citado em ABRAMOVAY, 1993).

Em conjunto aos movimentos apropriacionista e substitucionista o paradigma tecnológico moderno da agricultura entrou em crise no início da década de 1980, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. O crescimento da produtividade vem declinando rapidamente e a manutenção dos atuais níveis depende de elevação da carga de agentes químicos e biológicos. O resultado imediato do atual pacote tecnológico é a crescente contaminação dos alimentos por agentes químicos nocivos à saúde humana e a emergência de doenças decorrentes deste processo. Portanto, o paradigma da Revolução Verde chegou em ponto de superação: *i)* ou a agricultura retorna para cultivos orgânicos de baixa contaminação química; *ii)* ou avança no paradigma da biotecnologia para resolver o problema da falta de crescimento da produção total de alimentos.

Claro está que as possibilidades de superação do atual paradigma tecnológico passam pelos processos brevemente descritos: apropriação e substitucionismo. O avanço do conhecimento científico das agroindústrias à montante é que irá apontar o melhor caminho a percorrer: a agricultura orgânica ou a biotecnologia. Com população global de 5,5 bilhões de pessoas no ano 2000 e estimativa de 8,0 bilhões no ano de 2020, os governos e os oligopólios internacionais devem descobrir logo o caminho a seguir para evitar futura escassez de alimentos.

## **VI. Comentários Finais**

Os camponeses preferiram não seguir as previsões de Marx, Lênin e Kautsky e sobrevivem até os dias atuais. Os clássicos cometeram erro de previsão ao acreditarem que os camponeses produziam alimentos com a mesma lógica das empresas capitalistas, visando maximizar lucro. Como nos apresenta oportunamente Chayanov e Tepicht, o objetivo da produção parcelária não é o lucro, mas tão somente a reprodução familiar e a satisfação das necessidades básicas da família camponesa.

Outro erro dos clássicos foi não acreditar na capacidade de incorporação de tecnologia (ou na expressão marxista “capital constante”) pelos camponeses. Abramovay nos mostra que no período pós 1945, com forte participação estatal, há crescente incorporação de

capital e tecnologia nas unidades produtivas familiares. Além disso, no Regime de Acumulação Fordista, os camponeses passam a desempenhar papel estratégico para o desenvolvimento do capitalismo. Os produtores familiares não são eliminados do setor porque a Base Natural - pautada no ciclo biológico - da agricultura garante aos pequenos produtores operarem dentro da região de otimização. Além disso, a estrutura familiar de produção aceita remuneração abaixo dos valores de mercado.

Conclusivamente, o capitalismo não criou o campesinato. Ele já existia muito antes do capital: o campesinato sobrevive no sistema capitalista pela especificidade da agricultura. Os camponeses incorporaram e se adaptaram ao avanço tecnológico pós 1945 e passaram a servir ao capitalismo, pois sua lógica de funcionamento é a do custo de oportunidade do seu trabalho e não do capital empregado.

## VII. Referências Bibliográficas

- ABRAMOVAY, Ricardo. *Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- CAMPOS, Índio. *Pequena Produção Familiar e Capitalismo: um debate em aberto*. Belém, Paper do NAEA, n.º 16, mar. 1994.
- \_\_\_\_\_. *Complexo de Produção Agro-industrial e Mecanismos de Formação de Preços na Agricultura*. Belém, Paper do NAEA, n.º 46, ago. 1995.
- CHAYANOV, Alexander. *La Organización de la Unidad Económica Campesina*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1994.
- KAUTSKY, Karl. *A Questão Agrária*. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.
- LÊNIN, Wladimir. *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- MARX, Karl. *O Capital*. Livro III, v. VI. São Paulo: Difel, 1983.
- POSSAS, Mário Luiz. *Estruturas de Mercados*. São Paulo: Hucitec, 1985.
- TEPICHT, Jerzy. *Marxisme et Agriculture: Le Paysans Polonais*. Paris: Librairie Armand Colin, 1973.

WILKINSON, John; SORJ, Bernard. *Da Lavoura à Biotecnologia*. São Paulo: Hucitec, 1990.